

AS ESCOLHAS ESTRATÉGICAS DA ÍNDIA NO MUNDO MULTIPOLAR

Surendra Kumar Yadawa¹

1 Introdução

A era que vai desde a crise financeira global de 2008 até os desafios contínuos da COVID-19 deu início a uma mudança transformadora na ordem global. Essa era de incertezas tem implicações e expectativas únicas para potências médias, como Índia, Brasil, Alemanha e África do Sul, à medida que ascendem a maiores responsabilidades globais. Em meio a essa transformação, a Índia precisa redefinir suas relações com diversas potências e, ao mesmo tempo, proteger seus interesses nacionais e adotar alianças estratégicas nas negociações com países vizinhos e grandes potências. As décadas anteriores foram caracterizadas por fases distintas - inicialmente, um mundo bipolar durante a Guerra Fria, seguido por uma breve fase unipolar após o colapso da URSS. Entretanto, o cenário contemporâneo é marcado pelo surgimento da multipolaridade, que está remodelando a dinâmica internacional. Sahakyan (2023) argumenta que a ordem mundial não é mais unipolar, e a guerra na Ucrânia comprova esse fato.

A unidade da Índia em meio à diversidade e suas realizações em face dos desafios fornecem uma justificativa convincente para seu maior papel no Conselho de Segurança das Nações Unidas (Guha, 2012). O Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que a Índia será a economia global de crescimento mais rápido em 2023, com um desenvolvimento de 6,1%, superando em muito a média de 4% dos mercados emergentes e ultrapassando notavelmente o crescimento médio mundial de 1,2%. A base de consumidores jovens da Índia ocupa uma posição central nas estratégias de crescimento de várias empresas da Fortune 500. Este ano, as presidências simultâneas da Índia no G-20 e na Organização de Cooperação de Xangai (SCO) ressaltam suas aspirações de ser uma força global de liderança, e não apenas de equilíbrio (Vaishnav, 2023, 14 de abril). Além disso, a projeção é de que a Índia mantenha seu status de grande economia de crescimento mais rápido, com uma taxa de crescimento

¹ IMS Unison University, Dehradun, Índia. E-mail: skyinnervoice@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4138-5974>.

de 5,9% este ano. Como o primeiro-ministro Narendra Modi proclamou recentemente, “chegou a hora da Índia” (Zakaria, 2023, 28 de abril).

Além de suas proezas econômicas, a Índia tem o potencial de conquistar admiração não apenas por seu crescimento econômico, mas também pelos valores que defende. Essa visão posiciona a Índia como uma força incrível, que sintetiza tanto o crescimento quanto os princípios éticos (Zakaria, 2023, 28 de abril). No contexto deste século em evolução, uma mudança transformadora da unipolaridade para a multipolaridade reconfigurou significativamente o cenário geopolítico global. Mukherjee (2020) diz que “o mundo está em fluxo, tanto em termos da distribuição global de poder em transformação quanto do compromisso cada vez menor dos Estados Unidos com a ordem internacional”. O aumento da influência das potências regionais e a diminuição do domínio dos gigantes globais tradicionais precipitaram uma nova era na diplomacia internacional. Nesse cenário fluido, a Índia surgiu como um ator fundamental, pronto para moldar os assuntos globais em meio às mudanças na dinâmica do poder. Sullivan de Estrada (2023) argumenta que a Índia está contestando ativamente e, de certa forma, reconfigurando as narrativas de legitimação.

Ao mesmo tempo, a ascensão da China e de outras grandes potências remodelou o equilíbrio do poder global, enquanto a ordem internacional, antes dominada pelo Ocidente, enfrenta uma pressão crescente (Keukeleire e Delreux, 2022). Essa estrutura internacional transformadora capacitou atores regionais como a Índia a se envolverem ativamente no cenário global. Ao navegar por essa realidade multipolar, a Índia enfrenta uma intrincada tapeçaria de perspectivas e desafios em sua busca por objetivos de política externa. Dentro desse intrincado tecido, a tarefa da Índia abrange o gerenciamento de interesses concorrentes, a mitigação de rivalidades geopolíticas e a abordagem de preocupações de segurança regional e global. Em meio a essa dinâmica complexa, este documento procura destacar os desafios multifacetados que a Índia deve enfrentar com habilidade na busca de objetivos de política externa em um mundo multipolar. Ao se aprofundar nas sutilezas desse cenário global em evolução, o documento se esforça para esclarecer as opções estratégicas e as metodologias diplomáticas que a Índia pode adotar estrategicamente para otimizar sua influência e garantir seus interesses nacionais.

1.1 Objetivo da pesquisa

Este estudo tem como objetivo analisar os desafios e as oportunidades enfrentados pela Índia em sua trajetória para a ordem mundial multipolar,

com foco em seus objetivos de política externa. Ele busca explorar como a Índia pode equilibrar efetivamente diversos interesses, gerenciar rivalidades geopolíticas e lidar com preocupações de segurança a fim de aumentar sua influência global.

1.2 Perguntas de pesquisa

1) Quais são os principais fatores que influenciam a abordagem e as iniciativas políticas da Índia para navegar pela multipolaridade e como o posicionamento geopolítico e a dinâmica regional da Índia afetam sua estratégia para lidar com as potências regionais?

2) Como o crescimento econômico e a agenda de desenvolvimento da Índia se alinham com sua abordagem sobre a multipolaridade e qual é o papel que ela desempenha na formação de suas decisões estratégicas?

3) Quais são as implicações das relações da Índia com as principais potências globais, como os Estados Unidos, a China e a Rússia?

4) Como o envolvimento da Índia com instituições multilaterais, como as Nações Unidas e organizações regionais, contribui para sua estratégia de navegação na multipolaridade?

1.3 Metodologia de pesquisa

Este estudo emprega uma abordagem de pesquisa qualitativa abrangente para analisar os desafios e as estratégias da política externa da Índia no contexto da mudança da ordem mundial multipolar. Ele envolve uma revisão completa da literatura acadêmica, documentos de políticas e opiniões de especialistas para identificar as principais tendências e desafios. A análise se concentra no equilíbrio de interesses, no gerenciamento de rivalidades e na abordagem de preocupações de segurança, fornecendo insights sobre abordagens diplomáticas eficazes para a Índia.

2 Discussão

2. A política externa da Índia, e sua abordagem tradicional de não alinhamento durante a era da Guerra Fria, foi moldada por vários fatores históricos. Esses fatores incluem o passado colonial da Índia, sua busca por autonomia estratégica e seu compromisso com a paz e a estabilidade globais. “Em vez de aderir a qualquer um dos dois blocos, a Índia, juntamente com muitas das então recém-independentes colônias, criou o Movimento dos Não Alinhados” (Ranjan, 2022). A longa história de colonização da Índia pelo Império Britânico influenciou muito sua perspectiva de política externa. A

experiência de ser governada por uma potência estrangeira por quase 200 anos promoveu um forte senso de nacionalismo e autodeterminação entre os líderes indianos. A luta pela independência e o subsequente processo de descolonização moldaram a abordagem da Índia em relação às relações internacionais. O passado colonial da Índia incutiu uma profunda aversão à interferência externa e um compromisso com a soberania e a integridade territorial. Esse contexto histórico desempenhou um papel significativo na formação do processo decisório da política externa da Índia, promovendo um desejo de autonomia e independência em seus compromissos internacionais. A ideologia central do BJP (Bharatiya Janata Party, em português Partido do Povo Indiano) e a promessa de derrubar radicalmente esse consenso nehruviano são então retomadas e testadas empiricamente em relação a três importantes teatros da política externa indiana desde 1998: proliferação nuclear, relações com o Paquistão e laços com os EUA (Chaulia, 2002).

3. A busca da Índia por autonomia estratégica foi outro fator importante na formação de sua política externa durante a era da Guerra Fria. A Índia, sob a liderança do primeiro-ministro Jawaharlal Nehru, procurou se estabelecer como líder dos países recém-independentes do Sul Global. Nehru imaginou uma ordem mundial em que os países pudessem manter sua independência e seguir seus próprios caminhos de desenvolvimento, sem se alinharem às superpotências. O desejo da Índia por autonomia estratégica levou à formulação do Movimento dos Não Alinhados (MNA) em 1961. O MNA tinha como objetivo fornecer uma plataforma para que os países em desenvolvimento promovessem seus interesses coletivos e resistissem às pressões da rivalidade da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. A Índia, juntamente com outras nações que pensam da mesma forma, defendeu uma política de não alinhamento, o que significava evitar alianças formais e manter uma distância equidistante das duas superpotências.

O compromisso da Índia com a paz e a estabilidade globais também desempenhou um papel crucial na formação de sua política externa durante a era da Guerra Fria. Os líderes da Índia acreditavam nos princípios de coexistência pacífica, desarmamento e resolução pacífica de conflitos. Como um país que havia passado por uma longa e árdua luta pela independência, a Índia tinha empatia com as aspirações de outras nações que buscavam se libertar do domínio colonial. A Índia apoiou ativamente o processo de descolonização e defendeu os direitos de autodeterminação de todas as nações. A Índia também desempenhou um papel de destaque nas operações de manutenção da paz das Nações Unidas, demonstrando seu compromisso com a manutenção da paz e da estabilidade globais. O envio de tropas indianas para várias zonas de conflito em todo o mundo destacou a dedicação

da Índia aos esforços internacionais de manutenção da paz. Em resumo, a política externa da Índia e sua abordagem tradicional de não alinhamento durante a era da Guerra Fria foram moldadas por fatores históricos, como seu passado colonial, a busca por autonomia estratégica e o compromisso com a paz e a estabilidade globais. Esses fatores influenciaram a tomada de decisões da Índia e a posicionaram como defensora da independência, do não alinhamento e da coexistência pacífica no cenário global.

4. O equilíbrio do poder econômico entre as nações vem mudando ao longo dos anos. As economias emergentes, como a China, o Brasil, a África do Sul e a Índia, vêm ganhando influência e desafiando o domínio das potências econômicas tradicionais, como os Estados Unidos e a União Europeia. Essas mudanças podem levar a novas alianças, padrões comerciais e estratégias geopolíticas. Os rápidos avanços tecnológicos continuam a revolucionar vários setores e sociedades em todo o mundo. Os desenvolvimentos em inteligência artificial, automação, energia renovável e biotecnologia podem alterar os mercados de trabalho, as estruturas econômicas e as capacidades militares. As mudanças climáticas representam desafios significativos e afetam a dinâmica global. O aumento do nível do mar, os eventos climáticos extremos e a escassez de recursos podem exacerbar as tensões existentes, forçar a migração e afetar as economias. A cooperação internacional e a competição por recursos e questões ambientais provavelmente aumentarão. As lutas pelo poder entre as nações podem se intensificar devido às mudanças no cenário global. As rivalidades existentes, como a que existe entre os Estados Unidos e a China, e as novas tensões geopolíticas podem moldar alianças e conflitos. A pandemia de COVID-19 destacou a interconexão dos sistemas de saúde e das economias globais. O surgimento de novas doenças infecciosas e crises de saúde pode remodelar a cooperação internacional e as políticas de saúde. É preciso observar a ordem mundial multipolar emergente, caracterizada pela ascensão de vários centros de poder, incluindo os Estados Unidos, a China, a Rússia e os participantes regionais (Turner, 2009). E analisar os desafios e as oportunidades apresentadas por esse ambiente multipolar para os objetivos da política externa, as preocupações com a segurança nacional e os interesses econômicos da Índia.

5. Em muitas frentes, incluindo demografia, tecnologia, economia, geopolítica e outras, o mundo está passando por um período de profunda agitação. Os paradigmas da política global estão mudando, com novos padrões emergindo claramente na geopolítica - financeira e estrategicamente (Wiseman, 2023). Na última década, várias economias emergentes cresceram mais rapidamente do que as desenvolvidas, mudando a distribuição de renda globalmente a seu favor. A China tem a segunda maior economia do

mundo, atrás dos Estados Unidos e à frente do Japão (Morrison, 2019). O cenário econômico global está mudando, e o centro de gravidade econômico está se deslocando do Ocidente para o Oriente. Mike Pence, um político americano, disse em 16 de fevereiro de 2019: “Não podemos garantir a defesa do Ocidente se nossos aliados ficarem dependentes do Oriente”. Emmanuel Macron argumentou: “Veja a Índia, a Rússia e a China, por exemplo. Eles têm muito mais inspiração política do que os europeus de hoje. Eles adotam uma abordagem lógica do mundo, têm uma filosofia genuína, uma desenvoltura que, até certo ponto, perdemos. Portanto, tudo isso tem um grande impacto sobre nós e embaralha as cartas” (The Munich Report, 2020). Em abril de 2022, Christine Lagarde, presidente do Banco Central Europeu, fez um discurso intitulado “A new global map: European resilience in a changing world” (Um novo mapa global: a resiliência europeia em um mundo em transformação), ela reconheceu que o Ocidente não tinha o monopólio do poder. Apesar de o Ocidente estar perdendo poder relativamente, observou ela, muitos formuladores de políticas ocidentais são contra as propostas de redistribuição mais ampla de poder na governança global (Hashem, 2022). Em 5 de abril de 2023, Macron pediu ao presidente da China, Xi Jinping, que ajudasse a negociar o fim da guerra na Ucrânia (The Wall Street Journal, 2023).

Além disso, no mundo multipolar contemporâneo, não há uma única nação ou grupo de nações que esteja assumindo a liderança para tratar das questões globais. Em outras palavras, novas potências emergentes substituíram o status quo. Novos paradigmas estão surgindo, e os antigos estão desaparecendo. Os esforços da Rússia e da China para que o yuan ultrapasse o dólar americano como a moeda mais negociada na Rússia estão em andamento. O presidente russo, Vladimir Putin, deu a entender que seu país quer usar o yuan no comércio com outros países da África, Ásia e América Latina. É importante ressaltar que a Índia está promovendo ativamente sua moeda no comércio; 18 países concordaram em usar a rúpia no comércio bilateral, e espera-se que mais países se juntem ao grupo (Bhattacharjee, 2023, 14 de março). A China e o Brasil decidiram abandonar gradualmente o dólar em seu comércio e usar suas próprias moedas. A Arábia Saudita declarou publicamente que está pronta para conduzir seu comércio, inclusive o de energia, em outras moedas que não o dólar. Em 5 de junho de 2019, o líder chinês Xi Jinping se reuniu com Putin no Kremlin, e a China e a Rússia concordaram em usar o dólar em seu comércio bilateral.

6. A crise financeira global, a COVID-19 e a guerra na Ucrânia são catalisadoras de tendências que estão em movimento desde a Segunda Guerra Mundial. Surpreendentemente, aqueles que dominaram a ordem

mundial desde a Segunda Guerra Mundial parecem incapazes de pensar pragmaticamente em uma nova ordem mundial. Eles pensam em termos de um jogo de soma zero que pode não se mover na direção certa. A multipolaridade está revelando novas realidades de poder em vários lugares. De forma significativa, realinhamentos geoeconômicos e geopolíticos estão ocorrendo em várias partes do mundo devido ao poder emergente de nações como China, Índia, Indonésia e Brasil. O Oriente Médio e o Norte da África são, sem dúvida, os locais onde isso ocorre. Os países árabes estão diversificando suas alianças estratégicas em função da mudança de interesses e da realidade das relações de poder.

Os árabes estão descobrindo que seus interesses e objetivos estratégicos estão cada vez mais alinhados com várias nações, não apenas com o Ocidente e os EUA. Para avaliar o declínio da influência dos EUA na região árabe, é preciso entender o papel ativo da China na resolução dos conflitos regionais no Iêmen e na Síria. A reaproximação entre a Arábia Saudita e o Irã sob o comando da China é certamente um sinal claro de que os EUA não são o único ator dominante em uma região de alianças e parcerias agora fluidas. Entretanto, isso não está deixando um vácuo. A influência americana está sendo substituída pelos esforços coletivos das nações da região para reestruturar a ordem regional e aprofundar as parcerias estratégicas com países como a China, a Rússia e a Índia. A era da hegemonia ocidental está encerrada. Independentemente de os Estados Unidos estarem ou não em declínio, a ordem internacional liberal do pós-guerra, sustentada pela primazia militar, econômica e ideológica dos EUA e apoiada por instituições globais que servem ao seu poder e propósito, está chegando ao fim (Acharya, 2018).

Alguns formuladores de políticas dos EUA e do Ocidente ainda consideram a região como sujeita à unipolaridade; os líderes árabes não querem que nenhuma potência ou grupo de nações tenha o monopólio dos assuntos regionais. Não limitar nossas parcerias aos EUA ou ao Ocidente, mas expandi-las para potências emergentes, como China, Rússia e Índia. “O século XXI é considerado a era asiática, pertencente à China e à Índia. A Guerra Fria e os impactos crescentes da globalização estão fazendo com que a Índia redefina sua posição e seu papel em nível regional e global” (Bava, 2007).

Esse é o motivo da busca de participação em organizações como a Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China e o grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, etc.). O BRI também inclui o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), com sede em Pequim, e o grupo BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, etc.), e seu Novo Banco de Desenvolvimento (NDB),

com sede em Xangai. Estrategicamente, não é verdade que os árabes não queiram continuar seu relacionamento com os EUA e as potências ocidentais. Entretanto, as nações árabes querem estabelecer relações com países com base em interesses e benefícios mútuos.

A futura direção estratégica do mundo árabe ajudará a determinar como se desenrola o jogo da competição entre as grandes potências e como ela contribui para moldar a dinâmica internacional e regional. Os árabes estão estratégica, demográfica e geograficamente bem-posicionados para emergir como um polo de influência global. O mundo árabe é um ator decisivo no equilíbrio de poder. A natureza mutável do presente é nada menos que a mudança na governança global. A mudança se acelerou somente após a crise financeira global (2008). A grande mudança ganhou um novo impulso após as crises da COVID-19 e da Ucrânia. A guerra na Ucrânia demonstra uma batalha entre aqueles que apoiam os privilégios e o status quo e outros que clamam por igualdade e justiça na distribuição do poder. O processo de multipolaridade global é visto como a Rússia lutando por seu papel e relevância globais, a autonomia estratégica cuidadosamente elaborada da Índia, o ressurgimento dos árabes e o despertar político em outras áreas.

7. A Alemanha e a França estão cada vez mais tomando decisões de forma independente para proteger seus interesses nacionais. O chanceler federal Olaf Scholtz fez uma visita de um dia à China, o primeiro líder europeu a visitar o país desde a pandemia da COVID, atraindo críticas dos EUA e de seu próprio partido. As consequências da inclinação asiática do capitalismo mundial e a eventual superação do legado da ordem mundial colonial são especialmente evidentes na crescente solidariedade e expansão do BRIC. A mudança do centro de gravidade econômica das democracias transatlânticas ricas para a Ásia ajudou a definir a ascensão da China dentro da rede de relações comerciais bilaterais com a ASEAN. Os países asiáticos em termos de população, como China, Índia e Indonésia, sustentam grandes mercados domésticos. A guerra da Ucrânia e a anexação russa dos estados orientais da Crimeia e de Donbas reduziram as chances da Rússia para ocupar o lugar de um polo poderoso na ordem multipolar. A ordem mundial liberal se expandiu e se fortaleceu com a liberalização econômica na China e na Índia e com o fim da Guerra Fria. E embora os defensores dessa ordem tenham comemorado sua expansão, eles ainda presumiam que seu principal desafio viria das potências em ascensão (Acharya, 2017).

8. A China deve ser um concorrente e também uma inspiração para que a Índia se torne um ator global. Os cenários internacional e regional são muito voláteis. A Índia não deve permitir que os eventos a atinjam, é melhor antecipá-los e analisá-los com antecedência. Desde a revolução de 1949, o

nacionalismo comunista e a ascensão econômica, nossa compreensão da China tem sido inadequada. A Índia não percebeu a importância do assento no Conselho de Segurança da ONU. A chegada da China ao cenário global como uma superpotência tem repercussões em termos de vários desafios estratégicos. A dinâmica EUA-China como uma nova ordem mundial emergente é um grande desafio para os formuladores de políticas da Índia. A era da globalização que facilitou a ascensão dramática da China provavelmente chegou ao fim. Quando alguém aprender a dinâmica complexa da ordem econômica mundial, só então a Índia poderá executar políticas estratégicas em uma nova ordem. O mundo começou a notar a ascensão da Índia quando Nova Délhi assinou um pacto nuclear com os EUA em julho de 2005, mas esse avanço é apenas uma dimensão da transformação da política externa indiana que ocorreu desde o fim da Guerra Fria (Mohan, 2006).

9. Atualmente, o Ocidente reconhece o potencial da Índia para se equiparar à China, com profundidade e habilidades, no longo prazo. Saran (2022) adverte que a Índia deve ter cuidado com o abismo econômico que torna a China menos sensível aos interesses da Índia e exibe um limiar mais baixo de tolerância em relação a ela. Mas uma Índia ambiciosa deve seguir um curso econômico semelhante, criando um ecossistema tecnológico e de conhecimento que promova a rápida inovação e assimilação. A Índia deve seguir meticulosamente essa lógica, que foi adotada pela maioria das nações desenvolvidas. A Índia é o único país que tem a profundidade civilizacional, a população e as habilidades gerenciais, técnicas e empresariais significativas para competir com a China - e mais, de forma sustentável e a longo prazo. A China é um dos desafios estratégicos mais difíceis para a Índia. Consequentemente, o movimento bilateral de empurrar e mover-se sobre a fronteira tem anos de reviravoltas. Seguindo a perspectiva liberal, o Primeiro-Ministro PV Narasimha Rao decidiu priorizar a administração da fronteira ao invés de uma solução política. A estratégia da Índia contra um oponente muito mais forte, é concentrar os esforços diplomáticos em convencer a China de que qualquer desventura resultaria em uma guerra em grande escala, que afetará as relações de longo prazo (Menon, 2018).

10. Na competição geopolítica com a Índia no sul da Ásia, a China teve mais sucesso ao criar uma oportunidade entre a Índia e os estados menores que eram tradicionalmente próximos de Nova Délhi devido a fatores geográficos e culturais (Mosca, 2020). Entretanto, mesmo aqui, as relações nos estados do sul da Ásia se beneficiaram da rivalidade gerenciada pela Índia e pela China. “A psicologia política das relações sino-indianas e dos papéis desses dois países na compreensão da política mundial contemporânea e da abordagem de duas das potências emergentes da Ásia entre si e com relação à ordem

global” (Miller, 2020). O principal motivo para as manobras estratégicas das nações menores é a ausência de um equilíbrio de poder entre a China e a Índia, o que permitiu que os Estados menores se enfrentassem. A Índia vem adotando uma combinação de engajamento diplomático, equilíbrio rígido limitado e políticas de equilíbrio suave em relação à China. A política da Índia sugere uma abordagem de esperar e observar, enviando uma mensagem às outras potências de que ações benignas criarão respostas, enquanto medidas agressivas podem resultar em equilíbrios rígidos (Paul, 2019).

As oportunidades internacionais passadas e as estratégias futuras exigem mudanças históricas. A posição geopolítica da Índia tornou estrategicamente importante manter uma posição-chave. O crescente recurso a medidas unilaterais por parte das grandes potências representa um dos maiores desafios ao multilateralismo contemporâneo, que é um princípio fundamental da cooperação internacional e é essencial para criar um ambiente externo favorável. A Índia tem sido proativa no uso do multilateralismo para atingir seus objetivos. Menon (2021) considera a Índia como central para a geopolítica da Ásia e, ao mesmo tempo, distante dela, é uma contribuição importante para nossa compreensão dessa grande potência em ascensão neste século asiático. Nesse processo, a Índia contribuiu significativamente para a rápida transformação da ordem mundial, impulsionada por seus ambiciosos programas de desenvolvimento socioeconômico, que são orientados por suas demandas de comércio internacional. O fato de esse comércio ser responsável por até 40% do produto interno bruto (PIB) da Índia ressalta a importância fundamental da interligação entre as aspirações da Índia e a necessidade de cooperação internacional por meio do multilateralismo.

O *hard power* de uma nação é definido pela capacidade de alterar o comportamento de outras pessoas para obter o que se deseja. *Soft power* é a capacidade de conseguir isso por meio de “atração” em vez de “coerção” (*hard power*). Sem, de forma alguma, impedir ou limitar o desenvolvimento do *hard power* de uma nação, é bastante visível que a estratégia de projeção do *soft power* pela Índia deve ser priorizada como o caminho da política externa primária.

II. A política internacional pode enfrentar dificuldades no mundo multipolar de hoje, com seus rivais, desequilíbrios de poder e choques de valores. No entanto, quando a rivalidade entre seus dois principais polos não pôde mais ser contida, outros foram forçados a escolher um lado. Nova Délhi não pode permitir que preconceitos e suposições atrapalhem. Os dogmas de Délhi agora estão impedindo o progresso da Índia. Nossa política nacional não pode ser estática em um ambiente complexo e em evolução se quisermos atingir metas ainda mais constantes. Alguns exemplos incluem a Guerra de

Bangladesh de 1971, o Reposicionamento Econômico e Político de 1991, os Testes Nucleares de 1998 e o Acordo Nuclear Índia-EUA de 2005. De fato, a Índia só conseguiu fazer ajustes significativos a seu favor por meio de uma série de revoltas.

De 1946 a 1962, a primeira fase poderia ser caracterizada como uma era de não alinhamento. Em um mundo bipolar, o objetivo da Índia era resistir às escolhas restritivas e, ao mesmo tempo, proteger sua soberania, reconstruir sua economia e consolidar sua integridade. A meta da Índia era liderar a Ásia e a África na busca de uma ordem mundial mais equitativa e justa. “Esse foi o auge de Bandung e Belgrado, o auge da solidariedade do Terceiro Mundo. Também vimos uma diplomacia indiana energizada em todos os lugares, desde a Coreia e o Vietnã até Suez e Hungria. Por alguns anos, nossa posição no cenário mundial parecia garantida. O conflito de 1962 com a China não apenas encerrou esse período, mas o fez de uma maneira que prejudicou significativamente a posição da Índia.” (Jaishankar, 2020).

De 1962 a 1971, a segunda fase é uma década de realismo e recuperação. A Índia adotou escolhas mais pragmáticas em relação à segurança e aos desafios políticos. De 1971 a 1991, a terceira fase foi uma das maiores afirmações regionais. Ela começou com a criação de Bangladesh e a mudança de paradigma nas relações entre a Índia e o Paquistão, mas chegou ao fim com a desventura da Força de Manutenção de Paz Indiana (IPKF) no Sri Lanka. A quarta fase foi marcada pela queda da URSS e pelo estabelecimento de um mundo unipolar. Isso incentivou a Índia a se voltar para a proteção da autonomia estratégica. A Política do Olhar ao Leste (Look East Policy) mudou a abordagem indiana em relação aos assuntos mundiais, como o envolvimento com Israel. Essa quinta fase exigiu um ato de equilíbrio, resultando no acordo nuclear entre a Índia e os EUA, em uma melhor compreensão do Ocidente e em uma causa comum com a China.

É preciso reconhecer o ethos da Índia, que sendo uma política democrática, uma sociedade pluralista e uma economia de mercado, a Índia pode crescer junto com os outros, não separadamente. A Índia precisa superar três fardos do passado: primeiro, a partição de 1947 reduziu a força geopolítica da Índia contra a China e criou um inimigo como o Paquistão; segundo, uma reforma econômica atrasada retardou a história de crescimento da Índia; e terceiro, uma espera prolongada no exercício da opção nuclear levou à perda de força estratégica.

12. A COVID-19 permitiu que a Índia projetasse inovação em farmácia e se engajasse na diplomacia de vacinas. A declaração do Dia Internacional da Ioga é uma conquista para demonstrar o estilo de vida saudável tradicional da Índia. A intervenção humanitária da Índia, especialmente na forma de

missões de manutenção da paz da ONU no Congo e na Coreia, serviu para consolidar sua imagem como uma mão amiga, e a ajuda oportuna à Turquia após um terremoto devastador ganhou elogios, e a “diplomacia de desastres” de Nova Délhi serviram como ferramentas potentes para alcançar os países necessitados. Devemos lembrar que a China tem vencido sem lutar, enquanto os EUA estão lutando sem vencer. A questão é ainda mais o crescimento econômico, a influência política e a qualidade de vida. Como resultado, os Estados Unidos perderam seu famoso otimismo.

Em um mundo globalizado, a autonomia estratégica é assegurada por meio da criação de relações de interdependência mutuamente benéficas. Em um mundo interdependente, o fruto do crescimento econômico e do desenvolvimento é buscado quando uma nação é capaz de utilizar os benefícios da interdependência. Portanto, os conceitos de “autonomia” e “autossuficiência” devem ser definidos no contexto da interdependência econômica das nações. A Índia tem capacidade militar para defender sua integridade e segurança territoriais. No entanto, ela terá de manter taxas mais altas de crescimento econômico para poder alterar o equilíbrio estratégico na Ásia e em todo o mundo. Não é o crescimento econômico que detém a chave para o perfil e o poder global da Índia, mas a natureza desse processo de crescimento e a maneira como os desafios econômicos que ela enfrenta decidem o poder real da nação. O atraso social e econômico, as desigualdades e a incerteza política mostram a qualidade do desenvolvimento econômico (Baru, 2016).

13. Atualmente, a segurança não estatal ou segurança não tradicional, como é comumente chamada, não é um pensamento totalmente novo. Foi dada a mesma importância à política de vizinhança da Índia como mais do que um mero subconjunto de sua política externa. Desde a independência da Índia, a vizinhança sempre recebeu atenção especial da liderança. Apesar dos desafios impostos por questões históricas e preocupações sobre sua presença como país dominante na região, isso ficou bastante evidente na escolha de diplomatas experientes para representar a Índia nos países vizinhos e no capital econômico e político que a Índia gasta para manter relações amigáveis com cada um dos países. A estratégia da “Vizinhança Primeiro” (Neighbourhood First no original) é uma extensão lógica da abordagem aos vizinhos da Índia. Iniciativas de política externa, preparação para a defesa, juntamente com inteligência precisa e oportuna sobre ameaças e desafios externos, proezas tecnológicas e crescimento econômico que atraíam investimentos estrangeiros e promovam o comércio seriam alguns dos principais meios para a preservação e o aprimoramento dos interesses nacionais da Índia.

A política externa indiana continua sendo reativa ao ambiente

estratégico, e não às realidades estratégicas. Essa resposta casual aos imperativos estruturais dá pouco resultado quando a Índia está na periferia da geopolítica. Sundaram (2022) afirma que “a busca da Índia por poder deve ser vista em termos geopolíticos, não como arrogância, mas como um impulsionador de longo prazo de suas políticas externa e de segurança”. Ele nos lembra que as estruturas geopolíticas asiáticas, do Irã à Indonésia, são interdependentes e que a agência da Índia no passado trabalhou dentro desse multiverso coexistente na busca de seus interesses. Essa herança deve levar à priorização de conexões em vez de exclusão, à agência prudencial em vez de determinismo geopolítico e a uma orientação de resultados que traga prosperidade para as massas em vez de ostentar as ambições da Índia por prestígio internacional.” Michael (2013) argumenta porquê e como a Índia tem preferido, até agora, processos de negociação bilateral e tem usado uma série de organizações multilaterais para fazer valer seus próprios interesses. A Índia precisa lidar com seu desconforto com a própria noção de poder, especialmente com sua relutância em usar o hard power. A relutância da Índia em aceitar uma compreensão mais sofisticada do poder, em geral, e do poder militar, em particular, continuará a prejudicar a política externa e de segurança indiana. Por sua própria natureza, a política da Índia para o Sul da Ásia precisa ser extremamente dinâmica e ágil. Nos últimos anos, a política “Vizinhança Primeiro” investiu um capital diplomático significativo nela. Contudo, os fatores subjacentes que tradicionalmente têm enquadrado as dificuldades da Índia em acertar sua política de vizinhança permanecem mais fortes do que nunca (Pant, 2019).

3 Conclusão

A ordem mundial emergente provavelmente seguirá o caminho do equilíbrio de poder como seu princípio operacional, em vez da segurança coletiva. A China nunca abandonou o papel de grande contestadora, ao contrário do Japão, da Coreia do Sul e da ASEAN, e seu surgimento não pode ser acomodado na ordem liberal. A capacidade da Índia e da China de trabalharem juntas pode determinar um equilíbrio entre várias frentes. Como diz S. Jaishankar, “a Ásia está sendo moldada em grande parte pela perspectiva da ONU, pelo poder da China, pelo peso da Rússia, pelo coletivismo da ASEAN, pela volatilidade do Oriente Médio e pela ascensão da Índia”. No envolvimento da Índia com o Ocidente, os valores compartilhados e as mudanças estão em andamento.” (Jaishankar, 2020)

O Ocidente e os EUA devem aceitar que o crescimento da Índia é um desenvolvimento estratégico para seus interesses maiores de ordem mundial liberal. Quando se trata da China, o mantra da maturidade estratégica está em

ação entre os dois países. A Índia se refere à sua estratégia como de múltiplos alinhamentos, mas suas interações sistêmicas contrastam fortemente com seu escasso envolvimento em nível regional. Ainda não foi desenvolvida uma estrutura multilateral forte na Ásia e em nível global. A Índia precisa adotar a multipolaridade em vez da neutralidade com o mundo em transformação sem comprometer sua autonomia estratégica.

A política externa da Índia testemunhou uma transformação dramática desde o fim da Guerra Fria (Pant, 2019). A Índia é um ator emergente no mundo multipolar. Ela tem uma economia robusta, uma grande população e um exército em crescimento. As decisões estratégicas tomadas pela Índia nessa nova ordem mundial terão um efeito significativo tanto em nível local quanto internacional. Tradicionalmente, a Índia tem adotado uma política de não alinhamento, mas isso está se tornando cada vez mais irrelevante no ambiente atual. A China é uma potência em ascensão e um grande desafio para os Estados Unidos. A Índia precisa decidir se quer se alinhar com os Estados Unidos ou com a China ou seguir uma política mais independente. A Índia também está enfrentando desafios de seus vizinhos, como o Paquistão e a China. A China está expandindo sua influência no sul da Ásia e no Oceano Índico, o que é uma grande preocupação para a Índia.

As escolhas estratégicas da Índia serão moldadas por vários fatores, incluindo seu desenvolvimento econômico, seu poderio militar, a cooperação regional e suas relações com outros países. A Índia precisará equilibrar seu desejo de manter sua independência com a necessidade de cooperar com outros países para enfrentar desafios comuns. As escolhas estratégicas da Índia em um mundo multipolar serão complexas e difíceis. A Índia precisará ser cuidadosa para evitar tomar decisões que possam comprometer sua segurança ou seu desenvolvimento econômico. Entretanto, a Índia também tem a oportunidade de desempenhar um papel importante na formação da nova ordem mundial. As escolhas que a Índia fizer terão um grande impacto sobre o futuro do mundo multipolar. A Índia tem o potencial de ser uma força importante para o bem no mundo, mas precisará tomar decisões sábias e construir parcerias sólidas com outros países.

4 Referências

- Acharya, A. (2017). After liberal hegemony: The advent of a multiplex world order. *Ethics & international affairs*, 31(3), 271-285. [Google Scholar]
- Acharya, A. (2018). *The end of American world order*. John Wiley & Sons. [Google Scholar]

- Baru, Sanjaya. (2016). *Strategic Consequences of India's Economic Performance*, Tylor and Francis. [Google Scholar]
- Bava, U. S. (2007). *India's role in the emerging world order. Dialogue on Globalization, Briefing Paper*. [Google Scholar]
- Bhattacharjee, Kallol. (2023, March 14)). *RBI has allowed banks from 18 countries to trade in rupee: government in Rajya Sabha*, *The Hindu*. <https://www.thehindu.com/news/national/rbi-has-allowed-banks-from-18-countries-to-trade-in-rupee-government-in-rajya-sabha/article66619943.ece>
- Chaulia, S. S. (2002). *BJP, India's foreign policy and the "realist alternative" to the Nehruvian tradition*. *International Politics*, 39, 215-234. [Google Scholar]
- Fukuyama, Francis. (2018, August,14). *Against Identity Politics, The New Tribalism and the Crisis of Democracy*, *Foreign affairs*. [Google Scholar]
- Guha, R. (2012). *India: the next superpower?: will India become a superpower?* [Google scholar]
- Hall, I. (2015). *Is a 'Modi doctrine' emerging in Indian foreign policy?*. *Australian Journal of International Affairs*, 69(3), 247-252. [Google Scholar]
- Hashem, Ebrahim. (2022). *The Changing Regional and Global Order – and the Implications for Arabs and the World*, *Asian Global Online*. <https://www.asiaglobalonline.hku.hk/changing-regional-and-global-order-and-implications-arabs-and-world>
- Ikenberry, G. J. (2018). *Why the liberal world order will survive*. *Ethics & International Affairs*, 32(1), 17-29. [Google Scholar]
- Jaishankar, S. (2020). *The India way: Strategies for an uncertain world*. New Delhi. Page 137
- Keukeleire, S., & Delreux, T. (2022). *The foreign policy of the European Union*. Bloomsbury Publishing. [Google Scholar]
- Menon, S. (2021). *India and Asian geopolitics: The past, present*. Brookings Institution Press. [Google Scholar]
- Menon, S. (2018). *Choices: Inside the Making of India's Foreign Policy*. India: Penguin Random House India Private Limited. [Google Scholar]
- Michael, A. (2013). *India's foreign policy and regional multilateralism* (pp. 57-112). Basingstoke: Palgrave Macmillan. [Google Scholar]
- Miller, M. C. (2020). *Wronged by empire: Post-imperial ideology and foreign policy in India and China*. Stanford University Press. [Google Scholar]

- Mohan, C. R. (2006). India and the Balance of Power. *Foreign affairs*, 17-32. [Google Scholar]
- Morrison, W. M. (2019). China's economic rise: History, trends, challenges, and implications for the United States. *Current Politics and Economics of Northern and Western Asia*, 28(2/3), 189-242. [Google Scholar]
- Mosca, M. (2020). From frontier policy to foreign policy: The question of India and the transformation of geopolitics in Qing China. Stanford University Press. [Google Scholar]
- Mukherjee, R. (2020). Chaos as opportunity: the United States and world order in India's grand strategy. *Contemporary Politics*, 26(4), 420-438. [Google Scholar]
- Munich Security Report (2020). Westlessness https://securityconference.org/assets/user_upload/MunichSecurityReport2020.pdf
- Pant, H. V. (2019). *New Directions in India's Foreign Policy: Theory and Praxis India*: Cambridge University Press. [Google Scholar]
- Pant, H. V. (Ed.). (2019). *India's Foreign Policy: Theory and Praxis*. Cambridge University Press. [Google Scholar]
- Paul, T. V. (2019). When balance of power meets globalization: China, India and the small states of South Asia. *Politics*, 39(1), 50-63. [Google Scholar]
- Ranjan, Amit. (2022). India's foreign policy: shift, adjustment and continuity, *The Round Table*, 111:3, 381-384. <https://doi.org/10.1080/00358533.2022.2082737>
- Sahakyan, M. (Ed.). (2023). *China and Eurasian Powers in a Multipolar World Order 2.0: Security, Diplomacy, Economy and Cyberspace*. Taylor & Francis. [Google Scholar]
- Saran, S. (2022). *How China Sees India and the World: The Authoritative Account of the India-China Relationship*. India: Juggernaut Books. [Google Scholar]
- Sorensen, G. (2017). *A liberal world order in crisis: Choosing between imposition and restraint*. Cornell University Press. [Google Scholar]
- Sullivan de Estrada, K. (2023). India and order transition in the Indo-Pacific: resisting the Quad as a 'security community'. *The Pacific Review*, 36(2), 378-405. [Google Scholar]
- Sundaram, S. S. (2022). *India and Asian geopolitics: the past, present*. [Google Scholar]
- The Hindu (2023, Nov 03). German Chancellor Olaf Scholz's China visit sparks controversy. <https://www.thehindu.com/news/international/>

german-chancellor-olaf-scholzs-china-visit-sparks-controversy/
article66090667.ece

- The Wall Street Journal (2023, April 6). Macron Urges China's Xi to Help Negotiate End to War in Ukraine. <https://www.wsj.com/articles/macron-urges-chinas-xi-to-help-negotiate-end-to-war-in-ukraine-b445e7f6>
- Turner, S. (2009). Russia, China and a multipolar world order: The danger in the undefined. *Asian Perspective*, 33(1), 159-184. <https://muse.jhu.edu/article/713301/pdf>
- Vaishnav, Milan. (2023, April 14) Is India's Rise Inevitable? The Roots of New Delhi's Dysfunction, *Foreign Affairs*. <https://www.foreignaffairs.com/reviews/indias-rise-inevitable>
- Wiseman, Paul. (2023, April 27). US economy grew at weak 1.1per cent rate in Q1 in sign of slowdown <https://apnews.com/article/economy-gdp-inflation-federal-reserve-jobs-consumers-5d725b42df6f5364058510bad83afc82>
- Zakaria, Fareed (2023, April 28). India's economy is surging thanks to these three revolutions, *The Washington Post*. <https://www.washingtonpost.com/opinions/2023/04/28/india-revolutions-economy-growth-future/>

RESUMO

O cenário pós-Segunda Guerra Mundial passou por uma mudança sísmica, cristalizando-se em uma estrutura bipolar com o Ocidente liderado pelos EUA enfrentando a União Soviética, instigando a Guerra Fria. Entretanto, o colapso da URSS em 1991 abalou essa bipolaridade, dando início a uma era de domínio americano (unipolaridade). No entanto, essa ordem global outrora inatacável, liderada pelos EUA, está passando por uma rápida contração. Em seu rastro, um novo paradigma está se desenvolvendo, à medida que novos centros de poder se unem para lidar com insatisfações compartilhadas. Pequim, Moscou e Teerã forjam convergências, conclamando outros a se unirem contra a supremacia liderada pelos EUA. Surpreendentemente, a Arábia Saudita se alinha à Organização de Cooperação de Xangai (SCO) como parceira de diálogo, relegando à antiguidade sua antiga doutrina de petróleo por segurança. Ao mesmo tempo, o Presidente brasileiro defende o fim da supremacia do dólar. Em uma afronta ousada, a Rússia desafia a ordem mundial dos EUA por meio de sua incursão na Ucrânia. Notavelmente, Emmanuel Macron declara Taiwan fora do escopo do Ocidente, potencialmente perfurando a hegemonia americana. Este artigo explora fervorosamente como a crescente ordem mundial multipolar gera arenas para potências regionais, examinando as perspectivas e os obstáculos que Nova Délhi enfrenta ao navegar pela política externa da Índia.

PALAVRAS-CHAVE

Bipolaridade, Multipolaridade, Potência Média, Potência Regional, Unipolaridade, Ordem Mundial.

Recebido em 16 de setembro de 2023

Aprovado em 03 de abril de 2024

Traduzido por João Pedro Lopes Gonçalves